

O populismo sem povo no poder

“Nova desordem” era o título do *Il manifesto* de 29 de Maio. E fotografou perfeitamente o caráter completamente inédito do caos institucional e político então encenado na “colina espinhosa” [a colina do Quirinal, sede da presidência da República Italiana] e difundido numa urbi et orbi.

Mas essa expressão vai além do instantâneo, e certamente não perde relevância com o nascimento do governo Conte.

Com a sua dupla alusão histórica (à “nova ordem” neo-fascista, mas também à Nova Ordem Gramsciana original), move-nos antes a refletir por um lado sobre a potencial fragmentação do voto de 4 de Março, que se tornou bastante visível agora que explodiu dentro do próprio Palácio causando uma série de crises nervosas.

Por outro lado, sobre o caráter, também este novo, do sujeito político que se estabeleceu no coração do Estado: sobre o “hircocervo” (criatura quimérica, meia cabra, meia veado) que está sob a bandeira amarelo-esverdeada e que, por enquanto, é difícil qualificar como outra que não a forma cromática. Porque o que foi esboçado “por fusão” nos quase 100 dias de crise que se seguiram ao 4 de Março, e que no final se tornou “poder”, é talvez mais do que uma aliança provisória. Talvez seja o embrião de uma nova (potenciada) metamorfose desse “populismo do terceiro milênio” em que a vitória de Brexit e Trump está sendo questionada por cientistas políticos de todo o mundo. Talvez seja até mesmo uma mutação genética inédita sua, que, fundindo vários “populismos” heterogêneos em um novo selo, tornaria o caso italiano novamente um laboratório mais amplo da crise democrática global.

Todos aqueles que liquidam o eixo Five Star-Lega são confundidos com os rótulos habituais: aliança vermelho-parda, coligação cricket-fascista, ou fascio-grillina, ou “sfascio-

legghista” [“destroza-liguista”], e assim por diante em diferentes combinações. Confundem-se com a preguiça mental e com a recusa de ver que o que emerge do Lago Lochness é um fenômeno político sem precedentes, que está enraizado, mais do que nas culturas políticas, nas rupturas epocais da ordem social. Caso contrário, teríamos que concluir (e explicar por que) a maioria dos italianos – quase 60% – de repente se tornaram “fascistas”. E seria muito difícil entender como e por que o eleitorado identitário da Lega esconde a razão se se resignou tão facilmente ao casamento com anarcho-libertaria grillina, e vice-versa, como foi considerado compatível com os “esgotos de fundição” de Salvini [uma expressão do humorista Maurizio Crozza sobre a Lega]...

Portanto, é por muitas razões um objeto misterioso que perturba nossos sonhos. E nestes casos, quando estamos diante de uma entidade política que não nos diz “o que é”, é útil partir da investigação das causas. De “etiologia”, diriam os velhos pais da ciência política, tomando emprestado o termo medicina, como se fosse apenas uma doença. Onde está “nascido” – em que substrato ou “infecção” se origina -, essa “coisa” que ocupou o centro institucional do país, desestabilizando-o até o limite da entropia?

Talvez possa nos ajudar Benjamín Arditi, um brilhante cientista político latino-americano que usou para o populismo do “terceiro milênio” a metáfora do “hóspede desconfortável”, ou seja, o hóspede indesejado em um elegante “jantar”, que bebe sem copo, não respeita as boas maneiras à mesa, seja rude, Certamente é desagradável e “fora de lugar”, mas poderia escapar pela boca “alguma verdade ou outra sobre a democracia liberal, por exemplo, que esqueceu seu ideal fundador, a soberania popular”. E esta é a primeira característica identificadora do “novo populismo”: ter sua origem no sentido da expropriação das prerrogativas democráticas de um eleitorado marginalizado, ignorado, deixado para trás por decisões tomadas em outros lugares... São as fúrias do Soberano

(povo), cujo cetro, por sortilégio, foi arrancado do denominador comum das almas com toda sua diversidade. E essas fúrias (infelizmente confirmadas pelas recentes exteriorizações institucionais improvisadas) atravessam a sociedade em todos os seus componentes, no eixo direita-esquerda como um todo.

O segundo fator é a “dissolução de todos os povos”. Pode parecer paradoxal, mas é assim que é: este chamado populismo desenfreado está realmente sem povo. Pelo contrário, é o produto do fim de todas as agregações sociopolíticas precedentes. Na maré que invadiu as urnas no dia 4 de março, não há mais “povo de esquerda” (foi visto e dito), mas não há mais nem mesmo “povo da Padana” (com a nacionalização da Lega salviniana), nem “povo da vaffa” [povo do “vai e leva para”, santo e sinal das Cinco Estrelas] (com a transubstanciação de Di Maio como um homem de governo tranquilizador): é “mistura” de todos juntos, dissolvidos em seus átomos elementares e recombinados. Tal como os vestígios dos três “populismos italianos” que no meu Populismo 2.0 descrevi na sua sucessão cronológica (telepopulismo anticrise Berlusconi Berlusconi, ciberepopulismo pós-conflito de Mânti e populismo governamental Renzi pré-referendo) são claramente visíveis, e que agora parecem precipitar-se num único ponto: num único caldeirão a ferver no fogo de um “não povo”, sem um “sim”.

Por esta razão, penso que posso dizer que estamos longe dos vários fascismos e neofascismos do Noucentismo, exasperadamente comunitários em nome da homogeneidade do Volk. Ao mesmo tempo, já vivemos num mundo abissal diferente daquele em que Gramsci pensava na sua Nova Ordem, fundando nela a hegemonia a longo prazo da esquerda. Se esse modelo de “ordem” se centrava no trabalho dos trabalhadores (como expressão da racionalidade produtiva da fábrica) como célula elementar do Estado Novo, a actual visão predominante tem, pelo contrário, a sua origem na dissolução do Trabalho como sujeito social (baseia-se na derrota histórica) e na emergência de um

paradigma hegemónico que faz do mercado e do dinheiro – duas entidades por definição “privadas na forma” – os próprios princípios reguladores. É precisamente, no seu sentido mais próprio, uma “nova desordem”. Ou seja, uma hipótese da sociedade que faz da desordem (e seu correlato: a desigualdade selvagem) a própria chave preponderante.

A este modelo “insustentável” o sujeito político que emerge do caos sistémico que caracteriza a “maturidade neoliberal” não se opõe como antítese, mas transfere para ele o estatuto “anarco-capitalista” no coração da “política”. Não é um corpo sólido plantado na sociedade líquida. É, por sua vez, “líquido” e volátil. A insatisfação das “pessoas não autorizadas” continuará a ser listada na bolsa de valores, mas não vai restaurar o ceptro perdido. Ele continuará a ouvir a angústia do declínio e da marginalização, mas não vai parar a descida no plano inclinado social (descarregando a raiva e a frustração nos imigrantes, nos “rom” e nos sem-teto segundo a técnica consumada do bode expiatório). Isso provavelmente levará a uma luta total contra as atuais “oligarquias” (para substituí-las), mas não tocará em nenhuma das “fundações do sistema”. É perigoso precisamente por isso: pela sua adaptabilidade aos fluxos de humor que funcionam por baixo e pela sua convivência simétrica com as lógicas de fundo que operam por cima. E precisamente por isso não vou contar muito com a hipótese de que em pouco tempo seu governo entrará em crise por causa de suas contradições internas. Ou por causa de um conflito “mortal” com a Europa, que não serão os únicos a sabotar com uma ação deliberada e consciente (ela já está fazendo muito sozinha, com sua tendência suicida).

Se queremos combatê-lo, devemos nos preparar para ter diante de nós um adversário proteiforme, confrontável apenas com uma força e uma cultura política que soube realizar, por sua vez, seu próprio êxodo da terra de origem: que está preparada para se transformar com a mesma radicalidade com que mudou diante de nós. Não, claro, com uma “frente republicana”

fantasmagórica, a soma de todas as derrotas.

Original: [Sin Permiso](#)